

Bênção abacial de Dom Bento Gonçalves de Oliveira
Abadia de Nossa Senhora de Santa Cruz de Itaporanga, 2 de julho de 2022
Vigília da Solenidade de São Pedro e São Paulo

Leituras: Atos 3,1-10; Gálatas 1,11-20; João 21,15-19

“Simão, filho de João, me amas? – Apascenta minhas ovelhas!”

As leituras desta vigília da solenidade de São Pedro e São Paulo são particularmente adequadas, para nos ajudar a compreender o gesto da Bênção abacial que estamos realizando, para compreender sobretudo a vocação e a missão do pastor de uma comunidade monástica, como deseja São Bento e a tradição cisterciense. Porque todas as leituras que ouvimos, têm um denominador comum, um centro comum, um fundamento comum: Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Redentor ressuscitado dos mortos, o Bom Pastor que por meio da Igreja, sua esposa, permanece presente em meio a nós, para nos tornarmos instrumentos da sua missão de salvação de toda a humanidade. Nenhuma vocação, nenhuma missão, nenhum ministério têm consistência e são fecundos se não dentro do mistério de Cristo morto e ressuscitado, presente em nosso meio todos os dias, até o fim do mundo, para nos salvar e nos conduzir ao Pai no dom do Espírito Santo.

Por isso, também hoje, nesta bela circunstância da Bênção do novo abade de Itaporanga, devemos redescobrir e renovar a atitude do coração e da fé com a qual os apóstolos iniciaram, logo após Pentecostes, a grande missão da Igreja. Como quando Pedro e João subiram ao templo para rezar e encontraram um mendigo, um homem incapaz de andar sozinho porque era aleijado de nascença. Um homem reduzido a mendigar, a viver do pouco que recebia dos outros. Também o homem de hoje, também as muitas pessoas que se apresentam em nossas comunidades, muitas vezes são incapazes de esperar da vida nada além da sobrevivência. Vivem para sobreviver, dia após dia, não desejando nada além disso, sem sequer imaginar que viver pode significar mais do que sobreviver. Em todos há um desejo de infinito, porque Deus cria todos nós para Ele, mas muitas vezes este desejo permanece inconsciente de si mesmo, como se fosse envolvido por uma neblina, e a necessidade de sobreviver o sufoca.

O que Jesus veio trazer ao homem que, mesmo sem saber, deseja a vida? São Bento, no início da Regra, também colocou em cena o Senhor que anda entre a multidão de homens e pergunta: "Quem é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" (RB Pról. 14-15; Sl 33,13).

O mendigo aleijado também tinha subido naquele dia ao templo, para poder sobreviver mais um dia, mas com um desejo em seu coração por uma vida verdadeira que, sem saber, aguardava Cristo. Como encontrou a vida? Através de um encontro, o encontro com Pedro e João. Parece uma coincidência que eles tenham se encontrado. Na realidade, Deus havia pensado neste encontro desde a eternidade, porque desde a eternidade Deus quis que cada ser humano se realizasse no encontro com Jesus. Com a encarnação, e com a morte e ressurreição de Cristo, o pensamento do Pai tornou-se uma experiência humana que se realiza através da Igreja, dos apóstolos e da

comunidade cristã, através de cada um de nós, chamados a tornar-se instrumento do encontro com Jesus Cristo. Um instrumento pobre e humilde, que só tem um tesouro, uma qualidade, uma capacidade: o próprio Jesus, a amizade com Ele, a relação com a sua presença. Como diz São Pedro: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!" (At 3,6).

Pedro e João sabem que nenhum milagre é possível sem Jesus presente, que age. Mas sabem também que Cristo uniu a sua ação salutar e de salvação, com a pobre humanidade dos discípulos. Por isso, antes de anunciar Jesus Cristo, os dois apóstolos dizem ao aleijado: "Olha para nós" (At 3, 4). Muitas vezes gostaríamos que Deus agisse, fizesse milagres, e isto é bom, porque a humanidade precisa, mas facilmente esquecemos que Deus quer agir através da relação das pessoas conosco. Somos chamados a oferecer a nossa humanidade à presença de Cristo, que salva cada pessoa que encontramos. O aleijado, depois do milagre, entendeu muito bem, de fato, usa suas pernas curadas para seguir os apóstolos e ficar com eles na oração, louvor e testemunho: "Entrou com eles no templo, andando, saltando e louvando a Deus" (At 3,8). Compreendeu que para permanecer unido ao Senhor, tinha que permanecer unido aos discípulos, viver na comunidade cristã.

É para continuar esta experiência que São Bento pede ao abade que "faça as vezes de Cristo" (RB 2,2) e pede à comunidade que reconheça Cristo no abade. Não se trata de uma reivindicação de honra para uma pessoa, mas de reconhecer o mistério de Cristo. O abade, então, como Pedro, vive este mistério com maravilha, humildade, mas também com confiança, porque não precisa demonstrar seu próprio poder, mas deixar agir o poder infinito e misericordioso do Senhor.

Ouvimos na segunda leitura como também São Paulo tinha a certeza de que todo o seu ministério, era animado pela graça do encontro com Jesus: "O evangelho pregado por mim não é conforme a critérios humanos. Com efeito, não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por revelação de Jesus Cristo. (...) Aquele que me separou desde o ventre materno e me chamou por sua graça se dignou revelar-me o seu Filho, para que eu o pregasse entre os pagãos" (Gl 1,11-12.15-16).

Nós superiores, muitas vezes, desanimamos quando vemos que a nossa oração, nossa palavra, nosso exemplo, nossas decisões têm pouco efeito em nossas comunidades. Claro, temos consciência das nossas misérias e incapacidades, da nossa incoerência, bem como do fato que os monges e as monjas também passam por crises de rebelião, que por vezes os ajudam a amadurecer em uma obediência mais livre e responsável. Mas tenho cada vez mais a impressão de que o verdadeiro problema, está em não viver o ministério que nos foi confiado no mistério de Cristo, isto é, como o próprio Jesus nos confia e nos permite exercê-lo.

O que significa viver um ministério, mas também o dever de testemunho e o serviço, que cada cristão recebe com o batismo e a confirmação, no mistério de Cristo?

Talvez nenhuma página do Evangelho nos ajude a compreendê-lo melhor do que a do último diálogo de São Pedro com o Ressuscitado. Após a negação, isto é, após o fracasso de todas as pretensões de Pedro de dar a vida por Jesus com suas próprias forças, Jesus, pacientemente, se põe a ensinar a Pedro como dar a vida por Ele, à luz

do mistério pascal. É um diálogo em que Jesus atribui a Pedro o ministério pastoral sobre todo o rebanho da Igreja: "Apascenta os meus cordeiros! - Alimenta minhas ovelhas! - Apascenta minhas ovelhas!" (Jo 21, 15-17). Mas, para capacitá-lo a fazer isso, não lhe ensina um método pastoral. Em vez, se concentra no mistério do relacionamento com Ele no amor, na amizade. Um amor, que para Jesus é a coisa mais preciosa a ser pedida e para Pedro que é chamado a oferecê-la. "Simão, filho de João, me amas mais que estes?" (Jo 21,15) Jesus não pede que Pedro entre em competição com seus companheiros. A preferência que Jesus lhe pede, pede a cada um dos discípulos, a cada um de nós. E pedindo-a para cada um, Jesus prefere cada um de nós. Quanto o Senhor nos ama, pois para Ele o nosso amor, o amor de cada um de nós, é o que Ele mais deseja! Só Deus pode nos amar assim, na verdade. Só o grande coração de Deus pode preferir um, preferindo cada um. O importante é que cada um descubra que é amado assim, e se sinta chamado a amá-lo assim, sem parar. Quando o Senhor nos pede que o amemos mais que todos, Ele sabe bem que não somos capazes, porém se dissermos sim, e se repetimos depois de cada negação, entramos em troca de amor com Cristo que apesar de ser imperfeito agora, não terá mais fim.

Toda o dever pastoral de Pedro, como o dever pastoral de um abade, como o dever ligado a cada vocação e estado de vida, é vivo e fecundo se for vivido na troca de amor com Cristo, que para nós está sempre no começo, mas é infinito.

Dentro desta troca de amor com Jesus, alma de cada vocação e missão, de cada dever e ministério, Jesus anuncia a Pedro também o martírio e a fecundidade daquilo que vai contra a sua vontade: «"Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais jovem, te vestias e andavas onde querias; mas quando fores velho, estenderás as mãos, e outro te vestirá e te levará para onde não queres". Por estas palavras, ele indicava qual tipo de morte glorificaria a Deus e, tendo dito isto, acrescentou: "Segue-me".» (Jo 21,18-19)

Se o amor de Cristo domina o coração, tudo e todos se tornam oportunidade para lhe dizer: "Sim, tu sabes que te amo!", mesmo quando o "outro" é um inimigo ou uma circunstância negativa e violenta. O amor de Cristo transforma tudo no advento do Reino de Deus, até a morte.

É neste caminho de amor que Cristo nos pede para segui-lo. "Segue-me!": É a última palavra de Jesus a Pedro no Evangelho. É também a palavra resumida que hoje debes ouvir repetida por Cristo, ao confiar-te o ministério de pastor desta comunidade, querido Abade Bento. Seguir a Cristo significa permanecer apegado a Ele, a cada passo do caminho. O Senhor nos faz caminhar em um campo lavrado pela sua paixão e morte e nos pede para semearmos, junto com nossos irmãos, a amizade com Ele, que é o segredo profundo da fecundidade da vida.

*Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*